



Vlora, a kosovar que trabalha no bar do quartel, diz que os soldados portugueses são simpáticos, característica que não utiliza para definir os seus compatriotas

“Se fosse um daqueles, parava de certeza”, afirma o soldado português, referindo-se a um Mercedes de alta cilindrada.

A ELEVADA TAXA de desemprego na província sérvia, que atinge os 60 por cento (90 por cento em algumas regiões do território), os graves problemas de corrupção e a presença das máfias organizadas colam em qualquer automóvel de luxo o rótulo de condutor suspeito. Mas há mais, muitos mais, e de aspecto muito mais modesto. O número de carros na província é de tal forma elevado que a proveniência das viaturas é muitas vezes questionada. “Venha passar férias ao Kosovo, que o seu carro já cá está”, costuma dizer-se. Na caótica hora de ponta, em Pristina, o trânsito ajuda a revelar a clivagem social. Topos de gama Mercedes, BMW, Audi e Volvo contrastam com autênticas sucatas de quatro rodas. “Podem não ter casas, mas carros têm de certeza”, diz o primeiro-cabo Marques, ao

volante de um jipe do exército português, uma das muitas viaturas militares que completam o corrúpio heterogéneo.

De origem criminoso ou não, a verdade é que o impacto do elevado número de viaturas se observa nos negócios que florescem ao longo das estradas de acesso à capital do Kosovo. Bombas de gasolina, serviços de lavagem automóvel (em que a tecnologia se resume a uma mangueira) e oficinas de mecânica são mais frequentes do que supermercados. O combustível é mesmo um dos principais produtos que atravessam as fronteiras do enclave ilegalmente. Mas há outros, prin-

cipalmente os bens de primeira necessidade. No mercado, um litro de gasolina custa cerca de um euro. Pelo leite, chega-se a pagar mais de 80 centimos.

Mas o mais dramático, no entanto, continua a ser o tráfico humano, que se destina à prostituição forçada, um negócio alegadamente gerido por redes criminosas. De acordo com os dados da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), a polícia kosovar (KPS) identificou 64 vítimas de tráfico durante o ano de 2006, a maioria vinda da Moldávia (30). O segundo maior grupo era fruto de tráfico interno (20). Estes números, de acordo com as organizações de direitos humanos, são apenas a ponta do icebergue. “Sistematicamente” é a frequência com que estes casos ocorrem, afirma o major Moreira Pires, oficial de relações públicas. E relativamente às suspeitas de envolvimento de membros da própria polícia no negócio do sexo? “A credibilidade da KPS é sempre de questionar”, afirma o oficial. Um polícia ganha entre 200 e 300 euros,

SEGURANÇA

Jovens kosovares na zona protegida pela tropa portuguesa (em cima). O sucateiro Burim Gjoni (em baixo, à esq.) com o intérprete Isat Dakaj

SOBREVIVER A TODO O CUSTO



Burim Gjoni está à entrada da sucata a fumar um cigarro. À sua volta, acumulam-se restos ferrugentos de carros e electrodomésticos e de outras coisas que já não se percebe o que foram, mas que se preparam para tornar a ser. O kosovar albanês trabalha o ferro. Tem um pequeno negócio fami-

liar com que sustenta a família. Com ele trabalham o pai, o irmão e o primo. “Faço cerca de 500 euros por mês”, e isso tem de chegar para todos, incluindo mulheres e quatro crianças, que com ele vivem. Criminalidade? “Só roubos”, responde ao segundo-sargento Dâmaso. “Estamos seguros desde 1999”, afirma.

À porta de um supermercado, mais abaixo, está Lirim Abdullahn, que veio ver o aparato militar. O jovem de 17 anos, e de brinco na orelha, é pessimista relativamente ao futuro da região. A família votou nas últimas eleições, marcadas por uma elevada abstenção, que a 17 de Novembro deram a vitória ao ex-guerrilheiro Hashim Thaci, do Partido Demo-

crático do Kosovo (PDK). Ele não foi às urnas. Não tem idade para exercer esse direito. Mas se pudesse não o teria feito, afirma. “Não acredito nos políticos.” “O futuro depende de nós”, diz, referindo-se aos mais jovens. E são muitos. Representam a maior fatia da pirâmide etária, num Kosovo com cerca de 1,8 milhões de habitantes, em que 88 por cento da população é albanesa kosovar, como ele, oito por cento são sérvios e quatro por cento de outras três etnias. Mas antes de os portugueses virarem costas, o estudante de Educação Física, nascido ainda no tempo da ex-Jugoslávia, revela uma última preocupação. “Não se vão embora”, pede ao soldado português da KFOR.